

**MÍDIA LOCALISTA NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI:
A EXPERIÊNCIA BILÍNGUE DO JORNAL A PLATÉIA**

Daniela de Seixas Grimberg – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
dsgrimberg@gmail.com

INTRODUÇÃO

A importância da comunicação de massa para a definição das territorialidades e dos elementos políticos, econômicos e culturais que a compõem se desloca, hoje, para diversas direções. Da perspectiva local à perspectiva global, o espaço de que se fala torna-se um lugar de enunciação midiática, reforçando imaginários sobre a visão de si mesmo e do que está fora desse local. Em se tratando do jornalismo praticado em pontos geográficos de contato, como as fronteiras, pode-se compreender que a discursivização do espaço reflete, de maneira particular a cada caso, a relação estabelecida entre as comunidades de ambos os lados.

A proposta deste artigo é analisar, a partir do jornal bilíngue A Platéia, que circula nas cidades-gêmeas de Santana do Livramento, no estado do Rio Grande do Sul, e Rivera, no Uruguai, como a fronteira se relaciona com o conteúdo e com as práticas organizacionais do jornal. Desde o início da década de 2000 o jornal conta, diariamente, com A Platéia En Español, suplemento voltado ao público de Rivera, com notícias locais e de maior repercussão no Uruguai. Com isso, A Platéia se tornou um importante jornal bilíngue do Brasil, tendo a integração entre as cidades-gêmeas como sua principal característica.

A partir das ideias de Castells (2000), Peruzzo (2003) e Dornelles (2008) sobre a comunicação local e das descrições feitas por Müller (2012) e Silveira (2007) acerca do jornalismo de fronteira, bem como as considerações sobre as relações entre cidades-gêmeas conforme Dorfman e Roses (2005) e Bento (2012), foi feita uma entrevista com os editores do jornal. Assim, busca-se aqui discutir como a integração se faz presente no conteúdo jornalístico, colaborando com o desenvolvimento regional, e como, em um mesmo veículo, ocorre a seleção e construção das notícias visando atender a ambos os públicos, brasileiro e uruguaio.

A mídia local

O processo de globalização dos meios de comunicação, viabilizado pelas novas tecnologias, suscitou, de início, alguma suspeita sobre o enfraquecimento das mídias locais. Essa ideia se deu tanto pela questão do alcance, em uma época em que distâncias físicas, de modo geral, podem ser superadas pela informação em rede, como pela solidificação dos grandes monopólios de mídia, mais preparados técnica e mercadologicamente para atender as demandas do público. No entanto, o global e o local constituem dois lados da mesma moeda (Castells, 2007), cada um cumprindo um papel específico no processo de inteligibilidade do mundo, em diferentes escalas. A transmissão e a distribuição da informação são globais, seguem uma lógica tanto pautada pelas novas mídias e pela ubiquidade tecnológica, como pela economia globalizada. No entanto, é no âmbito local onde ocorrem os acontecimentos concretos, a ação, o primeiro nível de compreensão do indivíduo como parte da sociedade.

Assim, a mídia local ganha relevância, sobretudo, por ser ela um importante fator para a formação e transformação das identidades. Conforme Peruzzo (2003, p. 63), embora sejam evidentes as vantagens da globalização midiática, a questão local manifesta também o “interesse do público pelos acontecimentos que ocorrem ao seu redor e que afetam diretamente suas vidas ou a dos vizinhos”. Os atores sociais do mundo contemporâneo não se contentam com o anonimato e tendem a buscar a valorização da cultura, do patrimônio histórico e dos acontecimentos voltados aos grupos sociais aos quais estão vinculados, configurando as premissas do que a autora chama de “jornalismo de proximidade”.

O fortalecimento do local pelo processo de globalização midiática fez, inclusive, com que muitos veículos locais passassem a buscar estratégias para firmar sua credibilidade e assegurar a fidelidade do seu público.

Para tanto, procuram preencher parte da programação com conteúdos colados às realidades locais, de bairros, temas culturais, esportivos etc.; em geral auto-denominam-se comunitários como forma de mostrarem-se vinculados localmente e assim desfrutar de credibilidade; desenvolvem campanhas educativas que veiculam na mídia; apóiam iniciativas locais, tais

como a realização de eventos educativos, esportivos e culturais.
(PERUZZO, 2003, p. 72)

Embora os veículos locais produzidos por organizações privadas tenham características muito difusas entre si (mesmo porque estão diretamente submetidos às especificidades culturais, políticas e socioeconômicas da região na qual se inserem), conforme Beatriz Dornelles (2008), há alguns padrões observáveis nos jornais de interior, que vão além da cobertura de fatos que dificilmente integram a pauta de veículos da grande mídia. É comum, por exemplo, encontrarmos em jornais com baixas tiragens, que circulam em cidades de pequeno porte, possíveis distorções originadas, justamente pela proximidade, nos interesses político-partidário e econômico (de fontes jornalísticas, empresas emissoras de releases ou de seus anunciantes). Em função disso, constrangimentos são também muito comuns entre os jornalistas, que devem articular o conteúdo levando em conta que eles mesmos, bem como todos esses agentes, habitam o mesmo local o qual devem cobrir diariamente.

Em contrapartida, os jornalistas locais tendem a se sensibilizar e a se engajar mais com os problemas da população, eventualmente contrariando a tendência defendida pelo jornalismo praticado pela grande mídia, de objetividade, neutralidade e imparcialidade. Logo, frequentemente o jornal local atua de forma mais incisiva na cobrança por soluções por parte do poder público local. Isso faz com que o jornalismo local também se aproxime do chamado jornalismo comunitário, cuja principal característica é o “compromisso com a realidade concreta de cada lugar” (Peruzzo, 2003, p. 63). Esse é um aspecto relevante, principalmente porque a perspectiva global não dá conta da dimensão local em todos os seus aspectos. Ao se depararem com um espaço grande demais para ser controlado, os atores sociais tendem a buscar seu redimensionamento, na tentativa de fazê-lo retornar a um tamanho compatível com o que possam conceber: quando tempo e espaço se dissolvem, as pessoas se agarram aos espaços físicos (Castells 2000, p.85).

A função do jornal local, então, corresponde a uma comunicação mais próxima à realidade e aos interesses de um público relativamente coeso e culturalmente integrado. No entanto, para Peruzzo, a mídia comercial local ainda se

interessa por essa escala de atuação, sobretudo, como um “nicho de mercado” (p. 84). Dessa forma, não raro falta aos jornais locais uma visão além da empresa jornalística, que vá ao encontro de uma atuação cívica e comprometida com a realidade a qual buscam retratar.

Mídia e fronteira

Polissêmico, o conceito de fronteira não se encerra em si mesmo e tampouco dá conta de toda a complexidade do objeto que tenta designar. De acordo com Silva (2011, p. 1), pode-se compreender a fronteira como um limite carregado de sentidos que diferenciam o que está dentro do que está fora dele. Quanto mais essa diferenciação é fortalecida por diferentes relações e cruzamentos, mais evidente a fronteira se torna. Com efeito, é nos espaços fronteiriços internacionais que o local e o global se relacionam visivelmente, com “vínculos e dinâmicas próprias, construídas e reforçadas pelo homem fronteiriço” (Müller, 2005, p. 3). Identidades e culturas nacionais coexistem no mesmo espaço e, não raro, dão origem a uma terceira identidade cultural, capaz de dar conta das demandas específicas da escala local.

A fronteira traz consigo uma construção própria do discurso, presente tanto nas manifestações culturais, como a música e a literatura, como nas práticas políticas e econômicas, trazidas a público, principalmente, pela mídia local. Elementos de integração e de distanciamento se cruzam a todo instante, colaborando permanentemente para a elaboração de uma representação própria de si mesmo, o que invariavelmente se reflete no jornalismo local.

De acordo com Zamin (2008), o discurso da fronteira se dá de duas maneiras: pela fala *sobre* a fronteira, isto é, mais distante do limite e, portanto, tendendo a representá-lo de forma estigmatizada, relacionando-o com altos índices de criminalidade, tráfico e contrabando, e a fala *na* fronteira, que surge no próprio local. O discurso *na* fronteira é o que dá conta, portanto, da dinamicidade das relações fronteiriças, justamente por vivenciar seu cotidiano e ser sensível às diferentes percepções e interpretações que seus habitantes estabelecem em ambos os lados.

A mídia de fronteira parte de uma ideia de integração que permeia diversos aspectos do cotidiano local: da história de ocupação e delimitação do território, da geografia e da paisagem natural, até as tradições, estilos artísticos, e, como não poderia deixar de ser, a língua. A língua se torna um ponto especial no caso das fronteiras, sobretudo das brasileiras, porque essas sempre serão confrontadas com o idioma espanhol. Expressões, gírias e sotaques estão mais próximos do outro lado da fronteira do que das metrópoles brasileiras mais influentes, localizadas em sua maioria no centro ou leste do país: “a mídia produzida nos espaços de fronteira acaba acionando a estratégia de naturalizar as línguas mais empregadas na região, marcas culturais do local” (MÜLLER et al, 2010, p. 8).

No Brasil, em que as fronteiras são, historicamente, áreas às quais são destinados poucos recursos se comparados com os que chegam às regiões mais movimentadas e com maior infraestrutura, é comum que esses espaços periféricos apareçam na mídia de acordo com estereótipos amplamente compartilhados. Terra sem lei, onde o crime e a insegurança imperam, são visões frequentemente atribuídas às fronteiras pela grande mídia.

No caso das populações fronteiriças do Brasil meridional, por um século enfrentando a estagnação econômica e já “acostumadas a dividir suas misérias”, como dizem ao aludir à flutuação cambial que ora favorece a Brasil, ora a Uruguai, Argentina ou Paraguai, demandam soluções de desenvolvimento regional que devem ser pensadas a partir do espaço local. O predomínio de uma agenda orientada pela ocorrência de acontecimentos negativos nas fronteiras internacionais do Brasil, agregada a um imaginário de preconceitos e estereótipos, opera contra a integração cultural e econômica do Mercosul e referenda os valores do nacionalismo exacerbado. (SILVEIRA, 2007, p. 12)

O jornalismo local nas fronteiras, portanto, teria um protagonismo midiático tão grande como sua missão: quebrar com os estigmas das áreas fronteiriças. Também a partir do local é que podem surgir novas representações do espaço, tendo em vista muito mais a integração entre os países do que a separação estatal entre eles. Se a fronteira, como linha divisória, se faz mais demarcada quanto mais distante se está dela, é de se supor que, ao representar a si mesma, a fronteira ganhe novos sentidos. Assim, o falar *na* fronteira traz consigo uma conotação de integração, enquanto que o falar *sobre* a fronteira costuma recorrer a um imaginário

fomentado historicamente pelos esforços políticos e econômicos insuficientes que o estado brasileiro confere aos seus limites.

Contextualização das cidades-gêmeas: Santana do Livramento e Rivera

A faixa de fronteira internacional do Rio Grande do Sul divide o Brasil, a oeste, com a Argentina (724km) e conta com um marco divisório natural, o Rio Uruguai. Ao sul do estado, a fronteira com o Uruguai se estende por 1.003km sendo prioritariamente constituída por uma linha imaginária (fronteira seca), com alguns poucos corpos fluviais entre ela. Dos 467 municípios gaúchos, 182 estão localizados na faixa de fronteira, que compreende 150km internos paralelos à linha divisória terrestre do território brasileiro (IBGE, 2010).

As cidades-gêmeas podem ser entendidas como dois centros urbanos, conurbados ou não, separados por um limite internacional (DORFMAN e ROSES, 2005) . Conforme Silva e Oliveira (2008), as cidades-gêmeas são de extrema importância para os estudos de fronteira, pois permitem uma melhor compreensão sobre a interação das sociedades transfronteiriças, visto que essas são diretamente afetadas por diferenças horizontais entre dois países – questões de cunho político, econômico e diplomático. O Rio Grande do Sul possui ainda onze cidades-gêmeas, sendo seis delas localizadas na divisa com o Uruguai, cuja paisagem – o pampa – é partilhada com a metade sul do estado gaúcho.

As cidades-gêmeas de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), fundadas em 1857 e 1862, respectivamente, constituem um local de grande importância histórica, política e econômica entre os dois países. A linha divisória entre as duas cidades é praticamente inexistente: a Praça Internacional, entre Livramento e Rivera, é a única binacional em todo o mundo. Entre a praça e no seu entorno, em que o comércio é intenso, sobretudo em função dos freeshops de Rivera, é livre o trânsito de brasileiros e uruguaios. Os 160 mil habitantes de ambos os lados convivem, diariamente, com as duas línguas, as duas moedas e as duas legislações que os dividem.

Livramento e Rivera são um exemplo forte de integração urbana binacional, pois ali o contato direto trouxe benefício a ambos os lados, gerando amenidades que

possibilitaram uma cumplicidade única, em que “não reina o caos, mas a autoridade do controle social, diplomacia popular, que não nega, mas ajuda a sustentar a diplomacia oficial e o controle policial” (BENTO, 2012, p. 9). Brasileiros e uruguaios podem matricular seus filhos em escolas de qualquer um dos lados e os empresários locais podem ter filiais de seus comércios tanto em seu país de origem como no território vizinho. Para Bento (2012, p. 11), pode-se, inclusive, para fins didáticos, considerar as cidades-gêmeas de Livramento e Rivera como uma espécie de terceiro Estado, por partilharem características únicas.

Os cidadãos que nascem e vivem neste caldo cultural binacional, em vez de um ethos nacional típico do miolo dos Estados, manifestam um ethos diferente, binacional, ethos fronteiriço de fronteira integrada. Um quase Estado, peculiar, de dois Estados distintos, entre dois Estados distintos, integrados aos seus dois Estados de partida, Brasil e Uruguai, e com uma população maior que a população do menor Estado do mundo, o Estado do Vaticano.

Nesse contexto, atípico se considerarmos boa parte dos demais municípios fronteiriços brasileiros, a cumplicidade da comunicação vai além da oralidade: foi ali, em Santana do Livramento, que surgiu um dos mais populares jornais bilíngue do país, A Platéia.

O Jornal A Platéia

Criado em 10 de janeiro de 1937 por Carlos Varella, o jornal A Platéia é o diário fronteiriço mais antigo do Rio Grande do Sul, sendo um dos principais jornais do estado atualmente. Diária, a publicação possui tiragem média de 5 mil exemplares e conta com 3 mil assinantes. Os atuais diretores, Kamal e Antônio Badra, proprietários da JK Empresa Jornalística, assumiram a diretoria da publicação em 2000, incorporando à empresa a rádio local RCC FM e disponibilizando todo o conteúdo do jornal em seu site (www.jornalaplataeia.com). Nove anos depois, o impresso passou a incluir um suplemento diário¹ em espanhol, intitulado A Platéia En Español, tornando-se o primeiro jornal bilíngue do Brasil. A

¹ Circulação de terça a domingo.

proposta da Platéia En Español é cobrir os fatos que se passam no Departamento de Rivera, de modo a abarcar o público uruguaio entre os leitores da publicação.

Na seção institucional de seu website², o veículo de posiciona como o jornal fronteiriço mais popular de ambos os lados da fronteira.

Hoje, somos o retrato do otimismo que transborda na Fronteira da Paz nos últimos anos. A cada momento, surpreendemos o nosso leitor com novidades, com investimentos, com grandes coberturas em parceria com a irmã RCC FM. Mostramos qualidade indiscutível e sensibilidade no que as cidades gêmeas precisam – assim, há pouco mais de um ano, estreamos A Plateia En Español, encarte diário de oito páginas, noticiando tudo que ocorre no lado uruguaio da nossa Fronteira. Com isso, nos tornamos o único diário bilíngue do Brasil. (2010, s/p)

Conforme o chefe de redação do jornal, Jorge Flores³ (2012), desde que a família Badra passou a controlar a publicação, A Platéia passou por um processo de qualificação, tanto de sua equipe como da sua estrutura. Com parque gráfico próprio, a JK também é responsável pela impressão de uma dezena de jornais locais do sul do estado, como o Minuano (Bagé), a Folha do Quaraí (Quaraí) e Ponche Verde (Dom Pedrito), dentre outros.

Embora a questão idiomática, em Livramento-Rivera, não seja uma barreira para a integração cotidiana de seus habitantes, um levantamento informal feito pela Platéia apontou, conforme Flores (2012), a preferência dos leitores uruguaios do jornal em ler as notícias em espanhol. O chefe de redação aponta que esse fenômeno também se apresenta, de forma mais intensa, no público de programas radiofônicos:

É interessante, porque o público uruguaio costuma mesmo ouvir as rádios uruguaias. Claro, tem acesso às rádios daqui, tocamos música de tudo que é lugar. Mas em relação à locução, aos apresentadores, preferem os uruguaios mesmo. (FLORES, 2010, s/p)

Em relação ao conteúdo do jornal impresso, o editor d'A Platéia En Español, o uruguaio Washington Pereira⁴, explica que há claras diferenças entre as duas partes do jornal. Não se trata de mera tradução, mas uma produção própria das

² Disponível em http://jornalaplateia.com/aplateia/?page_id=27, acesso em 20 dez. 2012

³ Entrevista concedida à autora em 06/12/2012, na redação do jornal.

⁴ O editor concedeu a entrevista à autora, junto ao chefe de redação, em 06/12/2012, na redação do jornal.

notícias do outro lado. O foco das matérias em espanhol é, antes de mais nada, o interesse do público de Rivera:

Os fatos do lado uruguaio são sempre cobertos por nós. Quando interessa, publicamos notícias ligadas a eles [brasileiros] e eles as nossas, da mesma maneira. Também intercambiamos as informações sobre fatos de interesse aos dois lados, como por exemplo, a parte policial, quando ocorre algo com algum uruguaio no lado brasileiro ou quando ocorre algo com algum brasileiro no lado uruguaio. (PEREIRA, 2012, s/p)

Quando um fato envolve e interessa a ambos os lados, os repórteres produzem cada um a sua matéria, considerando o público ao qual ela se destina. Assim, embora haja troca de informação entre eles, as fontes são responsabilidade de cada repórter, sendo priorizadas as fontes uruguaias no caso d'A Platéia En Español e vice-versa.

Como é comum a jornais locais em geral, a pauta internacional é quase inexistente. Apesar de, ao se tratar de áreas de fronteira, o local e o global coexistirem, o tratamento dado ao que se passa no município vizinho é o de notícia local, salvo quando os fatos noticiados são de amplitude nacional no país estrangeiro, como decisões jurídicas e econômicas.

A inclusão da Plateia En Español assinala, de início, a integração entre os dois lados da fronteira, em uma tentativa de condensar seus fatos em um mesmo veículo jornalístico. No entanto, a divisão de pautas e fontes colocaria, na prática, a Platéia En Español como uma editoria específica do jornal, criada com base em fatores geográficos e políticos. A integração propriamente dita ocorre dentro da redação, muito mais do que nas notícias veiculadas no jornal. No entanto, há um tipo de pauta em que “o outro lado” se faz presente diariamente: a notícia policial. Como é comum também a muitos jornais locais, a pauta policial representa grande parte do interesse dos leitores. De acordo com Flores (2012, s/p), esse fato se reflete diretamente na venda de exemplares:

Acho que [a pauta policial] deve ser o filé de todos os jornais. Quando temos um crime de repercussão ou acidente, com vítimas fatais, geralmente aumentamos a tiragem, já prevendo que mais edições serão vendidas. E realmente são, esgota. Muitas vezes, nem para o nosso arquivo pessoal sobra alguma edição. (FLORES, 2012, s/p)

Especificamente no caso dos jornais fronteiriços, é frequente na pauta policial temáticas como contrabando, descaminho e tráfico. A proximidade com órgãos como Polícia Civil, Polícia Rodoviária e Receita Federais, no entanto, gera aspectos contraditórios para a prática jornalística. Ao passo que órgãos repressores precisam contar com a divulgação midiática – no caso da fronteira e dos crimes típicos dessa área, inclusive para chamar atenção para a necessidade de reforços –, também condicionam a noticiabilidade ao pouco acesso a informações.

É difícil aprofundar. Até porque nem sempre a fonte policial nos passa tudo, não é sempre que conseguimos contatar um criminoso. (...) A gente se fala todo dia [jornalistas e autoridades de segurança pública], eles mesmos ligam, sempre tem notícia. Mas também é complicado, quando acontece algo de ruim na polícia, como corrupção. (...) sinto que eles precisam muito da mídia também para mostrar serviço. E pra buscar recursos, fortificar as fronteiras. Por exemplo, a polícia está agora muito em cima da questão do abigeato. Abigeato, abigeato, abigeato. E tu estás publicando, mostrando que precisam de viatura, disso e daquilo. O estado fica mais sensível, já que sai no jornal a toda hora. Isso é ponto negativo para eles, então têm que fazer algo a respeito. (FLORES, 2012, s/p).

Além disso, o jornalista local está muito mais exposto a reprimendas e possíveis ameaças, o que torna a abordagem de muitos fatos uma mera descrição, sem crítica ou denúncia.

Uma vez tentamos fazer uma matéria sobre o contrabando de remédios. A praça aqui [que marca a divisa com Rivera], há um tempo atrás, era cheio de camelô, se tu visse uma foto aérea, era tapado de lona. Era um labirinto, tu comprava o que quisesse. Tentamos fazer essa matéria sobre contrabando de remédio, eu e um colega meu, mas começaram a pegar no nosso pé, perseguir. Então, tivemos que abandonar. Aqui não tem essa, não tem como fazer a reportagem e sair, dar um tempo em algum lugar... Há o contrabandista “pé de chinelo”, como a gente diz, e tem o grande contrabandista, cheio de dinheiro. Esse que é o perigoso. (FLORES, 2012, s/p)

Ainda assim, o jornal tende a cumprir com práticas de cidadania, como matérias de cunho pedagógico acerca dos problemas locais. Expor o problema e orientar a população acaba sendo uma forma de confrontar o público com questões que, por serem cotidianas, já fazem parte do *ethos* local. No caso do contrabando, Flores (2012, s/p) aponta abordagens típicas nesse sentido: “Cuidar essa questão

da nota fiscal, cuidar com comerciantes que queiram enganar o consumidor, separar a nota. (...) onde declarar, como declarar, o que pode e o que não pode passar...”.

Por fim, no caso d'A Platéia, de modo geral, pode-se dizer que, independentemente da pauta – mas mais ainda no caso do noticiário policial -, contar com uma parte especificamente voltada ao outro lado da fronteira pode ser uma oportunidade para se ampliar certas questões. Frequentemente, ao final de algumas matérias, há a indicação de que, se o leitor quiser saber mais informações sobre tal fato que envolva o país vizinho, que busque na seção em espanhol ou vice-versa. Por possuírem enfoques e fontes distintas, a integração entre as duas partes do jornal podem dar conta de uma abordagem mais plural, o que afeta inclusive a questão da alteridade.

A experiência bilíngue do jornal vem sendo, conforme os editores, muito bem recebida pela população. Embora tenha se iniciado há pouco tempo, se nota uma tendência de maiores investimentos nessa questão, inclusive no aumento do número de páginas: “(...) conforme a demanda, fomos sentindo que deveríamos incluir mais páginas. Acredito que, no futuro, A Plateia En Español será tão grande como a Plateia em português” (Flores, 2012, s/p).

O jornalismo local em Santana do Livramento e Rivera se manifesta de forma característica, em que a situação fronteiriça é apropriada pelo jornal não apenas pelo seu conteúdo, mas pela própria oportunidade de se ampliar as vendas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as técnicas e produtos midiáticos passa pela compreensão dos contextos social, político e econômico nos quais se dá a produção. Isso porque, a partir do espaço preexistente, pode-se entender sua representação sob a influência das técnicas, que podem produzir tanto contato e encontro, como isolamento e segregação. Como parte indispensável tanto para a troca de certas informações como pela formação da identidade, a comunicação local encontra nas mídias localistas uma ferramenta importante para o desenvolvimento. Dar conta de uma realidade em menor escala significa, também, dar voz a quem a grande mídia não contempla em seu conteúdo, sendo uma parte importante para a pluralidade e

para uma compreensão mais completa dos problemas locais. No caso dos jornais de fronteira, área que, em geral, possui problemas muito semelhantes, quando a perspectiva local traz consigo a ideia de integração com o país vizinho, isso acaba por se refletir na forma como o próprio público enxerga a si mesmo e às questões públicas locais. Daí a importância de se considerar a fala *na* fronteira para se compreender melhor as relações sociais estabelecidas em um território.

A experiência bilingue d'A Platéia apenas segue o contexto de cumplicidade entre povos que, na região, não encontram na fronteira o conflito, mas a união. A linguagem é apenas uma característica, que, ali, também se integra. O empenho d'A Platéia em ir além da questão idiomática e colocar a vida local em perspectiva para ambos os públicos é uma estratégia nova a ser observada com atenção. Embora pareça estar em adaptação, é vista, por enquanto, com bons olhos pela população local.

A tendência de se igualar o número de páginas em espanhol ao em português aponta para uma realidade já observada em outros aspectos da cultura local das cidades-gêmeas abordadas: a visão do outro e a visão de si mesmo se confundem positivamente. Excluindo-se as questões políticas e econômicas que surgem com a superação, pelo jornal, da linha de fronteira entre os países, e focando-se no conteúdo, pode-se dizer que o jornalismo local assume a condição de fronteiriço quando passa a considerar a integração como uma forte característica de sua postura editorial.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Imagined communities**: Reflections on the origin and spread of nationalism. London: New Left Book, 1983.

BENTO, Fábio Régio. **Fronteiras, significado e valor a partir do estudo da experiência das cidades-gêmeas de Rivera e Santana do Livramento**. Conjuntura Austral, vol. 3, nº 12. Jun-jul 2012

DORNELLES, Beatriz. **Características do jornalismo impresso local** e suas interfaces com jornais comunitários. Alceu - v.8 - n. 16. jan/jun 2008.

DORFMAN, A e ROSÉS, G. T. B. (2005): **Regionalismo fronteiriço e o “acordo para os nacionais fronteiriços brasileiros uruguaiois”**. In: OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). Território sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS. 195-228.

FLORES, Jorge. Entrevista. Dezembro, 2012.

MÜLLER, Karla M. **Espaços conurbados de fronteiras nacionais: "leituras" de jornais locais**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, nº 13, p. 1-16, julho/dezembro, 2005.

_____ ; GERZSON, Vera Regina Serezer; RADDATZ, Vera Lucia Specil; SOARES, Marcelo Vicente Câncio. **Comunicação e integração latino-americana: a participação da mídia local na construção da cultura e da identidade fronteiriça**. Revista Fronteiras - estudos midiáticos. Unisinos, maio, agosto, 2010. Disponível em <<http://www.frenteiras.unisinos.br/pdf/92.pdf>>, acesso em 10 dez. 2012.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. **Mídia local, uma mídia de proximidade**. Comunicação: Veredas. Ano 2 - nº 02, novembro, 2003.

SILVA, Marques Ricardo; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. O mérito das cidades-gêmeas. Revista OIDLES – Vol. 02, nº5, Dez/2008. Disponível em <<http://www.eumed.net/rev/oidles/05/msmo.htm>

SILVA, Regina Coeli Machado e. **Fronteiras nacionais e configurações socioculturais**.

SILVEIRA, Ada Christina Machado; FREITAS, Guilherme; ADAMCZUK Lindamir. **Comunicação e Faixa de Fronteira**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Salvador/BA, 2002.

Disponível _____ em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP10SILVEIRA.pdf>, acesso em 10 dez. 2012.

_____. **A identidade deteriorada: jornalismo e estigmas sociais**. XVI Encontro da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Curitiba/PR, em junho de 2007. Disponível em <<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=0&fcodigo=201>> acesso em 10 dez. 2012.

PEREIRA, Washington. Entrevista. Dezembro, 2012.

ZAMIN, Angela Maria. **A discursivização do local-fronteira no jornalismo: estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo/RS, 2008.